

REFLEXÕES SOBRE O CURRÍCULO DA EJA E AS VIVÊNCIAS EM REDE DE SUSTENTABILIDADE PARA ALÉM DA SALA DE AULA

Tatiana Maria dos Santos¹
Amanda Ferreira Gomes²
Etelvina da Silva Vieira³
Márcia Tereza Fonseca Almeida⁴

RESUMO: O trabalho visa refletir sobre a importância da Educação Ambiental no currículo da Educação de Jovens e Adultos (EJA), entendendo como uma potente estratégia para ressignificar as ações educativas nesses contextos escolares. Pretende contribuir para a promoção de vivências em rede de sustentabilidade para além da sala de aula, visando a formação de sujeitos mais conscientes e voltados para as questões ambientais, bem como para o desenvolvimento sustentável, uma que vez que a concepção da EJA está pautada nos ideias freiriano de educação que primam por processos educacionais genuínos a fim de levar as mulheres e os homens à conscientização, sobretudo das suas realidades a fim de transformá-las. Ou seja, uma educação popular, emancipatória e libertadora. Discute-se especialmente as abordagens críticas de currículo e o papel desse artefato social e cultural na da vida das pessoas. Abordam-se as importantes reflexões do livro “Ideias para adiar o fim do mundo” de Krenak (2020) considerando os impactos das ações das políticas neoliberais no meio ambiente; Destaca os 17 (dezessete) Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável (ODS) criados pela cúpula da Organização das Nações Unidas (ONU). Utilizando a abordagem da pesquisa qualitativa, a metodologia desenvolvida foi um estudo bibliográfico acerca da temática aqui em pauta. Portanto, a coleta das informações foi realizada através do levantamento e análises de artigos, livros e reportagens jornalísticas nos últimos anos.

1735

Palavras-Chave: Educação Ambiental. Currículo. EJA.

¹Pedagoga. Psicopedagoga. Coordenadora Pedagógica da rede municipal de Salvador- BA. Professora da EJA da rede municipal de Candeias-BA. Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação de Jovens e Adultos-MPEJA. Membro dos Grupos de Pesquisa: GEPBRINC E GEPIETEC vinculados à UNEB. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7353154197941252>.

²Licenciada em Ciências Biológicas e em Química, pela UFBA. Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação de Jovens e Adultos-MPEJA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1007046175739147z>.

³Licenciada em Matemática. Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação de Jovens e Adultos-MPEJA. Membro do Grupo de Pesquisa: GEPALÉ – Bahia. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0960398050288145>.

⁴Doutora em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia. Professora do Departamento de Educação-Campus I e do Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos da Universidade do Estado da Bahia-UNEB. Coordenadora do GEPBRINC e GEPIETEC/UNEB. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4865156179328081>.

ABSTRACT: The work aims to reflect on the importance of Environmental Education in the Youth and Adult Education (EJA) curriculum, understanding it as a powerful tool to give new meaning to educational actions in these school contexts. It aims to contribute to the promotion of experiences in a sustainability network beyond the classroom, aiming at the formation of individuals who are more aware and focused on environmental issues, as well as sustainable development, since the conception of EJA is based on the Freirian ideas of education that prioritize genuine educational processes in order to bring women and men to awareness, especially of their realities in order to transform them. In other words, a popular, emancipatory and liberating education. Critical approaches to curriculum and the role of this social and cultural artifact in people's lives are especially discussed. Important reflections from the book "Ideas to postpone the end of the world" by Krenak (2020) are discussed, considering the impacts of neoliberal policy actions on the environment; highlights the 17 (seventeen) Sustainable Development Goals (SDGs) created by the United Nations (UN) summit. It uses the qualitative research approach, the methodology developed was a bibliographic study on the topic at hand here. Therefore, the collection of information was carried out through the survey and analysis of articles, books and journalistic reports in recent years.

Keywords: Environmental Education. Curriculum. EJA.

INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo marcado por enormes desafios para a saúde e manutenção da humanidade no planeta e do próprio planeta e isso não é nenhuma novidade. Todavia, os efeitos das crises climáticas, o esgotamento dos recursos naturais, a degradação ambiental e a urbanização desordenada têm se intensificado e aumentam cada vez mais a pobreza, a violência, as desigualdades e ameaçam o desenvolvimento sustentável e a paz mundial.

1736

Sendo assim, o mundo da informação instantânea e da Inteligência Artificial (AI) é também o mundo do consumo exacerbado, do desemprego estrutural, das desigualdades, dos preconceitos, da violência e, sobretudo dos danos à saúde do planeta. Desastres ambientais, tais como: as enchentes, poluição de todas as formas, queimadas, redução das reservas de água doce, desmatamento e o aquecimento global são alguns dos fatores que têm gerado uma crise ambiental em várias partes da Terra.

A prova disso que estamos dizendo são os últimos relatórios das agências referentes ao meio ambiente em todo o mundo. Eles retratam o agravamento desses problemas na medida em que as intervenções humanas sobre o planeta se multiplicaram. O jornal O Globo⁵ do dia 27.07.23 publicou o pronunciamento feito pelo secretário-geral da Organização das Nações

⁵ <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/07/27/confirmado-julho-de-2023-e-mesmo-o-mes-mais-quente-da-historia>

Unidas(ONU), António Guterres sobre o estudo da Organização Meteorológica Mundial (OMM) das Nações Unidas e o Observatório Europeu Copernicus. O secretário afirmou que o mundo já passou da fase do aquecimento global e agora vive a fase da “fevura global”, com as temperaturas no hemisfério norte atingindo recordes consecutivos a ponto dos serviços meteorológicos da Europa indicarem que o mês de julho de 2023 será considerado o mais quente da história nesse hemisfério até então. Analisando tal afirmação, Joe Biden, presidente dos Estados Unidos, corroborou o que disse o secretário-geral da ONU, pontuando que as altas temperaturas resultantes das mudanças climáticas representam uma "ameaça existencial" para a humanidade.

Todos esses desafios nos levam aos seguintes questionamentos: qual o papel da educação nas questões voltadas para o meio ambiente? Que atenção a escola e demais instituições de formação têm dado para essa temática? As questões ambientais têm espaço nos currículos de EJA desenvolvidos nas instituições de ensino?

Nessa perspectiva, a relevância social desse trabalho para a esfera educacional se configura por refletir sobre a Educação Ambiental nos currículos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em consonância com os sujeitos que fazem parte dela, uma vez que reflete sobre a importância da preservação da vida no planeta, apontando algumas estratégias pedagógicas para fomentar o consumo sustentável e a preocupação com as questões ambientais. Sendo assim, o estudo intitulado “Reflexões sobre o currículo da EJA e vivências em rede de sustentabilidade para além da sala de aula” tem como objetivo principal refletir sobre a importância da Educação Ambiental no currículo da Educação de Jovens e Adultos (EJA) como uma potente estratégia para ressignificar as ações educativas nesses contextos escolares de modo que promovam vivências em rede de sustentabilidade para além da sala de aula possibilitando assim a formação de sujeitos mais conscientes e voltados para as questões ambientais e o desenvolvimento sustentável. Seus objetivos específicos são:

- Analisar as teorias críticas de currículo;
- Refletir sobre o papel do currículo na vida dos sujeitos da EJA;
- Refletir sobre a importância da Educação ambiental nos currículos da EJA.

A metodologia utilizada foi um estudo bibliográfico acerca da temática aqui em pauta. Portanto, a coleta das informações foi realizada através do levantamento e análises do tema por meio de artigos, livros e reportagens jornalísticas atuais que tratam da temática.

Este trabalho está organizado em quatro seções. A primeira, a Introdução, na qual contextualizamos o trabalho externando as motivações que nos impulsionaram a escolha do tema e o quanto e mesmo é relevante para a contemporaneidade. Expomos o objeto de estudo, o problema e os objetivos da pesquisa, bem como a organização do trabalho. A segunda seção se refere sobre a importância da Educação Ambiental nos currículos da EJA. Discute-se as teorias críticas de currículo para refletir sobre o papel do currículo na vida dos seus sujeitos e apontam estratégias pedagógicas para o desenvolvimento da Educação Ambiental nos contextos da Educação de Jovens e Adultos de modo que fomentem o consumo sustentável e a preocupação com as questões ambientais. Na terceira seção apresentamos a metodologia utilizada para a realização do trabalho a fim de alcançar os objetivos propostos. Finalmente, apresentamos algumas conclusões que demarcam o fim deste trabalho. Todavia, enfatizamos que o mesmo tem os seus limites e apresenta-se como reflexões e espaço para novos diálogos e possibilidades para uma proposta curricular e formativa de uma EJA viva, potente, preocupada e engajada com a saúde do planeta.

Posto isto, vale ressaltar que a nossa motivação para pesquisar sobre o tema, surgiu a partir das discussões e atos de currículo⁶ da professora Dra. Francisca de Paula no Mestrado Profissional de Educação de Jovens Adultos (MPJA) nas aulas do Componente Curricular “Seminários Temáticos” ministrado pela professora supracitada, no Campus I da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, bem como pelos episódios e desastres ambientais ocorridos no mundo contemporâneo. Vale ressaltar, a importância do trabalho realizado pelas/os docentes do MPJA, no desenvolvimento dos componentes curriculares. Cada uma/um com as suas características, com o seu jeito de ser e pensar a educação, mas todas/os imprimindo a sua marca de valorização da EJA e conseqüente dos seus sujeitos, afirmando que estudar é um direito humano em qualquer fase e momento da vida. (Soares, 2011).

SOBRE CURRÍCULO E SEU PAPEL NA VIDA DAS PESSOAS

Silva (2014) argumentando sobre as teorias críticas de currículo afirma que o mesmo não pode ser considerado como um documento estático, neutro, meramente técnico que se refere a conhecimentos. Entretanto, resalta que currículo é essencialmente um artefato social e cultural implicado de relações de poder, para atender aos interesses particulares de uma determinada

⁶ Atos de Currículo é uma categoria conceitual desenvolvida pelo professor Roberto Sidney Macedo no livro Atos de Currículo de 2013.

classe, teoria, educação e sociedade a fim de modificar o indivíduo no modelo de ser humano que se pretende formar, ou seja, uma questão de identidade.

Já Sacristán (2000) enfatiza que ao redor da esfera educacional situam manifestações de poder que se revelam através do currículo de cada instituição de ensino. Para esse autor, “os currículos são a expressão do equilíbrio de interesses e forças que gravitam sobre o sistema educativo num dado momento, enquanto que através deles se realizam os fins da educação no ensino escolarizado.” (SACRISTÁN, 2000: p. 17).

A estudiosa Inês de Oliveira (2012) segue essa linha de pensamento de Sacristán e desenvolveu um conceito de currículo que enfatiza e prioriza aquilo que é pensado, desenvolvido e praticado no cotidiano escolar. É possível notar a preocupação da autora, não somente com a constituição do currículo, mas também, com o entrelaçamento das práticas à teoria, considerando os sujeitos praticantes do currículo no contexto, ou seja, os currículos devem inserir as vivências das pessoas da escola. Nas palavras da autora:

Quando me refiro aos praticantes cotidianos das escolas como criadores de currículos nos cotidianos, assumo esse processo criador como resultado, sempre provisório e, por isso, recriado cotidianamente, de diálogos e enredamentos entre conhecimentos formais – advindos das diferentes teorias com as quais entraram em contato em diversos momentos e circunstâncias de suas vidas – e outros conhecimentos, aprendidos pelos praticantes pensantes por meio de outros processos. (OLIVEIRA, 2012, p. 8).

1739

Apple (2006) é contundente ao afirmar que não existe educação, escola, educador e, muito menos currículo neutros. Conforme suas elucidações existe uma intrínseca relação entre a “educação e estrutura econômica”. Por conseguinte, Apple deixa explícito que os currículos são organizados como a economia se organiza. Postula que todo conteúdo ensinado nas escolas em todos os níveis educacionais são previamente elencados, determinados, vieram de “algum lugar”. Esse autor afirma também que nenhum currículo é neutro e que nenhum conteúdo é “aleatório”.

Como tem sido dito repetidamente aqui, o conhecimento que chegava às escolas no passado e que chega hoje não é aleatório. É selecionado e organizado ao redor de um conjunto de princípios e valores que vêm de algum lugar, que representam determinadas visões de normalidade e desvio, de bem e de mal, e da “forma como as boas pessoas devem agir.” (APPLE, 2006: p. 103).

Na mesma direção que argumentam os estudiosos acima citados, Arroyo (2013, p.36) pontua que é fundamental a elaboração de propostas educacionais mais abertas para todas as instâncias educativas, da Educação Infantil à EJA. Ressalta que as instituições devem desenvolver “projetos político-pedagógico mais autônomos, reorientações curriculares mais adaptadas à diversidade de infâncias, adolescência, de jovens e adultos.”

Paulo Freire (2015, p.32) no seu livro *Pedagogia da Autonomia - Sabres Necessários à*

Prática Educativa, ainda é mais contundente ao se referir às práticas e ao currículo a serem desenvolvidos no âmbito escolar. O autor enfatiza que deve haver uma estreita relação entre o que se desenvolve na sala de aula e a vida cotidiana dos sujeitos.”Por que não discutir com os alunos a realidade agressiva a que se deve associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade[...]Por que não estabelecer uma “intimidade” entre saberes curriculares aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?”

Concordando com Freire (2015), Goodson (2010) afirma que a prescrição e a mera transmissão de conhecimento devem ser banidas do currículo, e o mesmo deve valorizar as vivências dos estudantes, sua cultura e priorizar aquilo que os mesmos querem aprender. Acima de tudo, existe então a ideia de currículo como uma conversação de mão dupla, em lugar de transmissão de mão única. (Goodson, 2010). Ou seja, os currículos da EJA precisam ser contextualizados com as vivências e as histórias de vida dos seus sujeitos que são os trabalhadores pobres e negros dos mais diversos cantos das nossas cidades que ingressam nas escolas trazendo com eles um vasto repertório cultural oriundo das suas práticas sociais.

Pelo exposto acima, defendemos a concepção crítica de currículo que vem contribuindo para possibilidades de práticas pedagógicas mais amplas, que levam o ser humano a uma visão mais global e complexa dos desafios da vida. E, especialmente, concordamos com a concepção de um currículo mais flúido, aberto e contextualizado, que abranja os temas e as pautas curriculares que se relacione com a vida e, sobretudo as que se referem as questões ambientais aqui em pauta. Tendo em vista que a relação com o currículo está intrínseca à formação e à identidade da pessoa.

1740

CURRÍCULO DA EJA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: “RELAÇÃO IMPORTANTE PARA VIVÊNCIAS EM REDE DE SUSTENTABILIDADE “

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) que é regulamentada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN (Lei 9.394/96) que determina no capítulo II e preconiza no artigo 37 que: “A Educação de Jovens e Adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou oportunidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria” (BRASIL, 1996). Sendo assim, entendemos muito mais que uma oportunidade de escolarização, concordando com o que diz Arroyo (2008) que a EJA é uma grande aliada na promoção da democracia, da justiça, da inclusão e do desenvolvimento intelectual dos trabalhadores, pobres, negros, subempregados, oprimidos e excluídos, ou seja, um espaço de formação e emancipação humana, política e cultural. Vale ressaltar que a concepção da EJA desenvolvida nesse trabalho está pautada nos ideias freiriano de educação que prima por processos educacionais genuínos a fim

de levar as mulheres e os homens à conscientização, sobretudo das suas realidades a fim de transformá-las. Ou seja, uma educação popular, emancipatória e libertadora.

Nessa perspectiva, de formação para além da escolarização, ressaltamos que a EJA deve contemplar a Educação Ambiental em suas diretrizes curriculares. Tendo em vista que seus sujeitos vivenciaram mudanças no ambiente ao longo de suas histórias de vida e, sobretudo considerando que para o sujeito adulto a formação só tem valor se conferir sentido para a sua vida. Nóvoa (1997).

Paranhos e Shuvartz (2013) destacam que ao problematizarem sobre as transformações ambientais, os sujeitos da EJA adquirem elementos para compreenderem os motivos e as causas do desgaste de tal relação conflituosa, bem como poderão gerar valores e atitudes coerentes sobre as questões ambientais.

A Política Nacional de Educação Ambiental foi instituída pela Lei nº 9.795, de 27 de 1999, sendo que em seu artigo 2º reforça que a Educação Ambiental (AE) representa um componente permanente da educação nacional e deve estar presente, de maneira articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, podendo ter caráter não formal e formal. Brasil (1999).

Já as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental (DCNEA), enfatizam que as escolas devem desenvolver uma abordagem ambiental que considere a interface

1741

entre a natureza, o sociocultural, a produção, o trabalho, o consumo, valorizando uma visão crítica, mais politizada sobre as ações desenvolvidas nas instituições de ensino (BRASIL, 2001). Na direção dos documentos oficiais acima citados, Cavalcante (2005, p. 121) enfatiza que as ações sobre a educação ambiental desenvolvidas pelas/os educadores que defendem uma visão educacional crítica “deve partir do pressuposto de que existe um tensionamento na relação sociedade e ambiente, e este tensionamento surge de relações de poder historicizadas, não naturalizadas e passíveis de transformação.” Sendo assim, faz-se necessário, pensar e desenvolver ações que façam um enfrentamento dessa visão mercadológica e proponha um novo *módus operandi* de viver no planeta.

Corroborando com a autora acima, após longos 15(quinze) anos, Krenak (2020, p.24) no seu livro “Ideias para Adiar o Fim do Mundo” argumenta que “precisamos ser críticos a essa ideia plasmada de humanidade homogênea na qual há muito tempo o consumo tomou o lugar daquilo que antes era cidadania.” O autor ressalta que a humanidade precisa respeitar a Terra planeta, a coletividade e subjetividade dos povos, a terra solo, os rios, as montanhas como fazem os povos originários que aprenderam a personalizar o que existe na natureza, caso contrário

seremos levados ao desastre socioambiental do Antropoceno⁷. Krenak (2020) afirma que:

Quando despersonalizamos o rio, a montanha, quando tiramos deles os seus sentidos, considerando que isso é atributo exclusivo dos humanos, nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista. Do nosso divórcio das integrações e interações com a nossa mãe, a Terra, resulta que ela está nos deixando órfãos, não só aos que em diferente graduação são chamados de índios, indígenas, mas a todos. (KRENAK, 2020, p.49).

Outro ponto que o autor destaca no livro é a necessidade de sairmos do estado de anulação da vida em que as virtudes do planeta são gastas para suprir as necessidades materiais de algumas pessoas em detrimento de outras que são excluídas, para assumirmos uma nova postura de enfrentamento a esse contexto desfavorável.

[...]nos deem coragem para sair de uma atitude de negação da vida para um compromisso com a vida, em qualquer lugar, superando as nossas incapacidades de estender a visão a lugares para daqueles a que estamos apegados e onde vivemos, assim como às formas de sociabilidade e de organização de uma grande parte dessa comunidade humana que está excluída, que em última instância gastam toda a força da Terra para suprir a sua demanda de mercadoria, segurança e consumo. . (KRENAK, 2020, p.49).

Todavia, a tônica do livro é quando o autor narra a devastação do rio Doce, que os povos Krenak o chamam de Watu, o avô deles. Krenak (2020) descreve com muita ênfase o crime ambiental do rompimento da barragem do Fundão, da mina de Samarco, controlada pelas multinacionais Vale e BHP Billiton, em novembro de 2015. Nesse desastre ambiental foram lançados no meio ambiente cerca de 45 milhões de metros cúbicos de rejeitos de ferro que desencadeou diversos problemas na saúde em milhares de pessoas a longo prazo, sobretudo na vida dos povos Krenak.

O rio Doce, que nós, os krenak, chamamos de Watu, nosso avô, é uma pessoa, não um recurs, como dizem os economistas. Ele não é algo de que alguém possa se apropriar; é uma parte da nossa construção como coletivo que habita um lugar específico.[...]O Watu, esse rio que sustentou a nossa vida às margens do rio Doce [...] está todo coberto por um material tóxico que desceu de uma barragem de contenção de resíduos, o que nos deixou órfãos e acompanhando o rio em coma. Faz um ano e meio que esse crime – que não pode ser chamado de acidente – atingiu as nossas vidas de maneira radical, nos colocando na real condição de um mundo que acabou. (Krenak, 2020,p.41-42).

Isso dito, a pergunta que fazemos é: até quando? Até quando a ação humana destruirá as fontes da vida e a vida das pessoas? Nesse sentido, ressaltamos, que em virtude dos constantes desafios desse processo perverso e desenfreado da globalização mantidos pelas políticas neoliberais, que tem como meta transformar as pessoas apenas em consumidoras e isso interfere grandemente na dinâmica ambiental, a educação surge como elemento questionador e como possibilidade de desenvolver currículos escolares voltados para EJA, como fonte de

⁷ Nova época geológica, conceito desenvolvido pelo químico Paul Crutzen (2000).

conscientização e elaboração de hábitos diferenciados, os quais podem estar voltados à reciclagem e ao consumo sustentável, mais do que nunca evocados.

Nesse sentido, pensar em currículos contextualizados para a EJA é situá-los numa dimensão política, social e cultural para os seus sujeitos de forma que elas e eles sintam-se motivados para continuarem avançando nos processos de aprendizagens. Vale ressaltar, que os saberes e as práticas sociais dos sujeitos da EJA precisam ser considerados.” O que quero dizer é o seguinte: não posso de maneira alguma, nas minhas relações político- pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber[...]. Sua explicação do mundo”, Freire (2015, p.79). Nesse sentido, os aportes teóricos para sustentar essa concepção de currículo deve valorizar a realidade dessas pessoas e a possibilidade de emancipação da sua vida social e transformação da sua realidade, como bem afirmou Freire (2015).

No ano de 2015, a cúpula das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável elaborou 17 (dezesete) Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável (ODS). Esses objetivos visam contemplar 169 metas que incluem diversas temáticas tais como: erradicação da pobreza, segurança alimentar, agricultura, saúde, educação, igualdade de gênero, energia limpa e acessível, entre outros. Para acompanhar e avaliar o cumprimento das metas, a Cúpula da ONU criou a Agenda 2030, que tem como objetivo mensurar todos os avanços dos ODS até o ano de 2030. São quase uma década da criação dos ODS e o que vemos é um retrocesso nas questões do meio ambiente. Tendo em vista, os constantes desastres ambientais a nível mundial e, especialmente no Brasil, onde as enchentes são constantes, as florestas são queimadas e devastadas, os rios são poluídos por causa do garimpo ilegal e o valor à vida deu lugar ao lucro e à ganância. Um exemplo disso é o desastre socioambiental que ocorreu atualmente na Terra Indígena Yanomami⁸ e as terríveis enchentes no estado do Rio Grande do Sul⁹.

Nessa perspectiva, os questionamentos que fazemos enquanto educadoras de jovens e adultos e cidadãos do mundo são: qual o papel da escola na divulgação e valorização dos ODS? Temos nos empenhado para que a saúde do planeta seja preservada? Para melhor compreensão dos Objetivos para o Desenvolvimento sustentável, segue figura com os 17 objetivos.

⁸<https://www.socioambiental.org/noticias-socioambientais/o-que-voce-precisa-saber-para-entender-crise-na-terra-indigena-yanomami>

⁹ <https://www.greenpeace.org/brasil/blog/qual-a-relacao-entre-exploracao-de-petroleo-e-chuvas-no-rio-grande-do-sul/>

Figura 1.



Fonte: <https://www.piscodeluz.org/desenvolvimento-sustentavel>

Conforme Silva (2014) e Apple (2006) currículo, saber e poder andam juntos. Sendo assim, cabe a escola e os espaços de formação despertar nos sujeitos da EJA novos saberes relacionados a articulação entre sustentabilidade, consumo e economia solidária. Novos saberes sobre consumo, compra e o bom uso do que se compra e se tem e, sobretudo, a importância de refletir sobre a necessidade de comprar ou consumir determinada coisa. Tais saberes podem ser promovidos nos contextos formativos de EJA por meio das rodas de conversa, inspiradas nos círculos de cultura de Paulo Freire (2014), que se define conceitualmente em espaços dinâmicos, de “debates de grupos, ora em busca de esclarecimento de situações, ora em busca de ação mesma, decorrente do esclarecimento das situações.” Freire (2014, 135). Além de outras atividades tais como: seminários, exposição de filmes que tratem da temática ambiental, visitas em diversos espaços da cidade a fim de sensibilizar e iniciar um processo de conscientização na perspectiva de um olhar mais cuidadoso para o nosso planeta.

Foi esse aporte teórico que vivenciamos, como estudantes do mestrado no MPJA. Vale ressaltar o excelente trabalho desenvolvido pela professora Francisca de Paula na comunidade acadêmica demonstrando valorização e o reconhecimento da área verde que cerca o Campus I, da UNEB, cujo entorno dá para os bairros do Cabula, Tancredo Neves e Engomadeira onde ela realiza um trabalho de extensão no projeto de “Economia Solidária” na comunidade do Quilombo do Cabula, com mulheres sem empregos formais, donas de casa e, na sua maioria, advindas da modalidade da EJA. A preocupação com a sustentabilidade e a saúde do planeta faz parte militância profissional e pessoal da professora desde suas pesquisas no seu doutoramento.

O sistema econômico, baseado no mito do crescimento ilimitado, fundado na crença de uma oferta infinita de recursos, não tem a coerência do sistema ecológico. A lógica da utilização intensiva dos recursos naturais foi desastrosa para o ambiente. Os economistas preocupam-se com os produtores e os consumidores, com o preço e o valor de troca das mercadorias, com a produção e o lucro. (Silva, 2005, p. 35).

METODOLOGIA

Este trabalho optou pela abordagem qualitativa que segundo Ludke e André (1996) tem no ambiente natural a sua fonte direta de observação e se preocupa essencialmente com o processo do que com o produto. Para as autoras, a pesquisa qualitativa é relevante pois, “desenvolve-se numa situação natural, é rica em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada.” (LUDKE E ANDRÉ, 1996, p. 18).

Sendo assim, a metodologia utilizada foi um estudo bibliográfico acerca da temática aqui em pauta. Portanto, a coleta das informações foi realizada através do levantamento e análises do tema por meio de artigos, livros e reportagens jornalísticas atuais que tratam da temática. Para fundamentar a reflexão do estudo dialogamos com a produção de importantes teóricos que discorrem criticamente sobre a EJA, concepção de currículo e Educação Ambiental. Entre eles: Paulo Freire (2011, 2014, 2015, 2016, 2021), Miguel Arroyo (2008, 2013, 2014), Silva (2005), Silva (2014), Michael Apple (2006), Inês Oliveira (2011,2012), Roberto Macedo (2013), Cavalcante (2005), Krenak (2020), Paranhos e Shuvartz (2013), Soares (2011) dentre outras/os autoras/es e documentos oficiais que recorreremos para subsidiar as análises do tema aqui em pauta.

Conforme Gil (2008) a pesquisa bibliográfica é a elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e atualmente com material disponibilizado na Internet. Já para Galeffi (2009), a pesquisa qualitativa se difere das demais, através da historicidade da área de atuação desta pesquisa. Este autor afirma que “a intenção prefigurada busca esclarecer as estruturas subjacentes dos sentidos humanos em toda a sua complexidade.” (GALEFFI, 2009 p.17).

Gunther (2006), afirma que são muitas as características que separam a pesquisa qualitativa da pesquisa quantitativa. Entretanto, o autor argumenta que a que mais se destaca é a que se refere a interpretação dos resultados. Assim ele afirma:

No caso da pesquisa quantitativa, dificilmente se escuta o participante após a coleta de dados. Uma inclusão de acontecimentos e conhecimentos cotidianos na interpretação de dados depende, no caso da pesquisa quantitativa, da audiência e do meio de divulgação. Ao mesmo tempo em que um nível maior de abstração pode impedir a inclusão do

cotidiano, qualquer passo na direção de uma aplicação de resultados necessariamente inclui o dia-a-dia. O mesmo se aplica para a questão do contexto. A reflexão contínua, obviamente, não é específica da pesquisa qualitativa; deve acontecer em qualquer pesquisa científica. (GUNTHER, 2006 p.203).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Esse trabalho se propôs a refletir sobre a importância da Educação ambiental nos currículos de EJA como uma potente ferramenta para ressignificar as ações educativas nesses contextos escolares, de modo que promovam vivências em rede de sustentabilidade para além da sala de aula, possibilitando assim a formação de sujeitos mais conscientes e voltados para as questões ambientais e o desenvolvimento sustentável.

Utilizou-se a pesquisa bibliográfica para a obtenção e análise das informações aqui definidas. A partir dessas análises, chegamos à conclusão que a temática da Educação Ambiental precisa ocupar de forma mais efetiva os espaços dos currículos desenvolvidos nos contextos de formação da Educação de Jovens e Adultos no país.

Ressaltamos aquilo que postula Macedo (2013) que a formação é um ato de currículo em que as atrizes e os atores sociais devem protagonizar os processos, tendo em vista que os percursos que envolvem a formação e o currículo não podem ser considerados como domínio exclusivo das instituições acadêmicas. Nesse sentido, para que haja a transformação das realidades, a emancipação das pessoas é fundamental que o processo educacional seja visto como “[...] uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que, além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos, implica tanto no esforço de reprodução da ideologia dominante quanto do seu desmascaramento.” Freire (2015, p. 96). Sendo assim, compreendemos que a educação tem um papel importantíssimo de modo a desenvolver o comprometimento com as pautas relacionadas com a educação ambiental, a fim de revertermos o colapso, “o desastre do nosso tempo, ao qual algumas seletas pessoas chamam Antropoceno. A grande maioria está chamando de caos social, desgoverno geral, perda de qualidade no cotidiano, nas relações, e estamos todos jogados nesse abismo.” Krenak (2020, p.72).

Vale ressaltar que o estudo tem os seus limites e está aberto, portanto, se apresenta como possibilidade para uma proposta curricular e formativa de uma EJA viva e potente preocupada com a saúde do planeta. Nesse sentido, ressaltamos a importância e a necessidade de construirmos mecanismos de luta, organização e participação popular na construção de currículos para a educação das pessoas jovens e adultas vinculados a novos saberes sobre

consumo, compra e o bom uso do que se compra e se tem, a fim de ajudar o planeta e, sobretudo melhorar a vida dos sujeitos da EJA.

REFERÊNCIAS

APPLE, Michael W. **Ideologia e Currículo**. Tradução Vinicius Figueira. 3^o ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ARROYO, Miguel. **A educação de Jovens e Adultos em Tempos de Exclusão**. IN Construção Coletiva: Contribuições à educação de Jovens e Adultos. 2^a edição. Brasília, 2008.

ARROYO, Miguel. **Currículo, Território em Disputa**. 5^a edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

ARROYO, Miguel. **Passageiros da Noite – Do trabalho Para a EJA – Itinerários Pelo Direito a Uma Vida Justa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BRASIL. **Lei nº 6.938/81, da Política Nacional de Meio ambiente**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/Leis/L6938org.htm>. Acesso em: 28/08/2023.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDB**. Brasília, DF, 1997. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf> Acessado em: 18/07/2023.

BRASIL. MMA. **Política Nacional de Educação Ambiental**. Lei nº 9795/99. Brasília: 1999.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental**. 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/expansao-da-rede-federal/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/18695-educacao-ambiental>. Acessado em: 01/09/2023. 1747

CAVALCANTE. Ludmila O. Holanda. **Currículo e Educação Ambiental: trilhando os caminhos percorridos, entendendo as trilhas a percorrer**. IN: Encontros e Caminhos: Formação de Educadoras(es) Ambientais e Coletivos Educadores. Brasília, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 32^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 36^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GALEFFI, Dante Augusto. **O Rigor nas Pesquisas Qualitativas: Uma Abordagem Fenomenológica em Chave Transdisciplinar**. EDUFBA. Salvador 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6^a ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GOODSON, Ivor F. **Currículo Teoria e História**. 9^a ed. Petrópolis RJ. Vozes. 2010.

GUNTHER, Hartmut. **Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão?** IN Psicologia: Teoria e Pesquisa. V. 22, N 2. Brasília. 2006.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2ª edição. São Paulo. Companhia das Letras, 2020.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E.D. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo. EPU. 1996.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Currículo: campo, conceito e pesquisa**. 6ª ed. Petrópolis: RJ: Vozes, 2013.

NÓVOA, António (Org.). **Os professores e sua formação**. 3ª ed. Lisboa: Don Quixote, 1997.

NÓVOA, António (Org.). **Os professores e a sua formação num tempo de metamorfose da escola**. IN **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.44, n. 3. 2019.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. **O currículo como criação cotidiana**. Petrópolis: DP et Alii; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012.

PARANHOS, Rones de Deus e SHUVARTZ, Marilda - **A Relação Entre Educação Ambiental e a Educação de Jovens e Adultos Sob a Perspectiva da Trajetória dos Educadores**. Editora Unijuí Ano 28 nº 91 Set./Dez. 2013

SACRISTÁN, J. Gimeno. **O currículo: uma Reflexão sobre a prática**. 3ª ed. Tradução.

SILVA, Francisca de Paula Santos da. **Educação superior sustentável: uma análise de cursos de turismo**. 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade; uma introdução às teorias de currículo**. 1748 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
